

A CULTURA DA DEPREDÇÃO DO ÔNIBUS ESCOLAR: A EDUCAÇÃO FORMAL COMEÇA NO CAMINHO PARA ESCOLA

THE CULTURE OF SCHOOL BUS DEPREDATION: FORMAL EDUCATION BEGINS ON THE WAY TO SCHOOL

André B. Sandes¹

A sociedade contemporânea chegou a um nível de complexidade como nunca antes na história, e este fenômeno é um reflexo de uma nova dinâmica social que se manifesta no ritmo acelerado do mercado de trabalho, na crise de valores morais, na dificuldade de imposição de limites de alguns pais, na ausência de diálogo entre os membros da família e na influencia direta dos meios de comunicação. Diante desse cenário, as escolas devem incluir em seus projetos atividades que valorizem as relações saudáveis entre as pessoas e delas com o espaço que ocupam. Observando empiricamente a cultura de depredação dos ônibus que realizam o transporte escolar, especificamente os do programa Caminho da Escola no município de Laje, e escutando o depoimento dos motoristas em relação ao comportamento coletivo dos estudantes que os utilizam para se deslocar de sua residência para a escola, sentiu-se a necessidade de se promover um debate em relação a essa problemática. Através de estudo de caso em três escolas do Ensino Fundamental II do município em questão, este trabalho tem como objetivo principal proporcionar uma reflexão e, quando possível, uma discussão a respeito dessa temática, destacando o cuidado com o transporte escolar que é onde a educação formal começa. Espera-se que os resultados deste estudo possam servir de ponto de partida para uma grande reflexão que seja capaz de sensibilizar os estudantes do município de Laje para que tenham mais atenção com o patrimônio público, seja utilizando com cuidado ou fiscalizando, uma vez que zelar pelo bem comum é responsabilidade de todos.

Palavras-chave: Sociedade. Cultura. Educação. Escola. Ônibus Escolar.

Contemporary society has reached a level of complexity as never before in history and this phenomenon is a reflection of a new social dynamic that manifests itself in the fast pace of the labor market, in the crisis of moral values, in the difficulty of parents to impose limits, in the absence of dialogue between family members and in the direct influence of the media. In this scenario, schools should include in their projects activities that value healthy relationships between people and the space they occupy. Observing the culture of depredation of buses that carry out school transport, specifically those of the "Caminho da Escola" program in the municipality of Laje, and listening to the drivers' testimony regarding the collective behavior of the students who use them to get from their homes to school, we felt the need to promote a debate on this issue. Through a case study in three elementary schools of the municipality in question, this work had as main objective to provide a reflection and, when possible, a discussion on this subject, highlighting the care with the school transport that is where the formal education begins. The results of this study might serve as a starting point for a great reflection that will be able to sensitize the students of the municipality of Laje to pay more attention to the public patrimony, either using it carefully or supervising the behavior of the group, since to watch for the common good is everyone's responsibility.

Keywords: Society. Culture. Education. School. School Bus.

Recebido: 05/06/2019

Aceito: 11/07/2019

¹Licenciado em Geografia e Pedagogia, Especialista em Educação Ambiental y Gestão Educacional, Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância e Juventude (EST), Doutor em Educação (UCSF), Professor Regente pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia-Brasil e Coordenador Pedagógico pela SEC-Laje (Bahia-Brasil). Membro do Grupo de pesquisa PANACUM - Grupo de Estudo e Pesquisa em Física e Ensino de Ciências (UFRB) e Estrategias de movilización del conocimiento en Ciencias Sociales y Humanidades (UBA-Argentina) coordinado por la Doctora Judith Naidorf. Ese trabajo es producto de la estancia posdoctoral en Ciencias Humanas y Sociales de la Universidad Nacional de Buenos Aires - Argentina. absandes@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea chegou a um nível de complexidade como nunca antes na história, e este fenômeno é um reflexo de uma nova dinâmica social que se manifesta no ritmo acelerado do mercado de trabalho, na crise de valores morais, na dificuldade de imposição de limites de alguns pais, na ausência de diálogo entre os membros da família e na influencia direta dos meios de comunicação.

Considerando a mudança de comportamento coletivo, o impacto desta crise de valores que enfrenta a sociedade contemporânea e a necessidade de construir um mundo melhor para todos, é importante que se tenha um novo olhar para os espaços educativos que, por sua vez, necessitam reconhecer suas limitações, encontrar sentido no que fazem e oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento integral dos jovens.

Para tanto, é muito importante resgatar a dimensão do cuidado. As escolas não podem esquecer essa necessidade contemporânea, devem incluir em seus projetos atividades que valorizem as relações saudáveis entre as pessoas e delas com o espaço que ocupam.

Observando empiricamente a depredação dos ônibus que realizam o transporte escolar, especificamente no município de Laje, e escutando o depoimento dos motoristas em relação ao comportamento coletivo dos estudantes que os utilizam para se deslocar de sua residência para a escola, sentiu-se a necessidade de se promover um debate em relação a essa problemática.

Através de um estudo de caso em três escolas do Ensino Fundamental II do município de Laje e de um questionário aplicado com estudantes do 9º ano, este trabalho tem como objetivo principal proporcionar uma reflexão e, quando possível, uma discussão a respeito dessa temática, destacando o cuidado com o transporte escolar, que é onde a educação formal começa.

Esse trabalho foi estruturado da seguinte forma: introdução; desenvolvimento composto por três seções: a primeira apresenta os desafios da educação na contemporaneidade, a segunda trata da relação entre o ônibus escolar e a escola e a terceira refere-se ao programa Caminho da Escola no município de Laje – Bahia. Por último apresentamos as considerações finais e possíveis soluções.

Espera-se que os resultados deste estudo possam servir de ponto de partida para uma grande reflexão, no município analisado e em outras regiões que apresentem problemática semelhante, para que encontrem as alternativas mais apropriadas e capazes de sensibilizar os estudantes que, por sua vez, precisam ter mais atenção com o patrimônio público, seja utilizando com cuidado ou fiscalizando, uma vez que zelar pelo bem comum é responsabilidade de todos.

Não há dúvida de que é possível um salto qualitativo e, para tanto, será necessário um diálogo perene entre educadores, coordenadores, diretores, motoristas, estudantes, pais e outros membros da sociedade, uma vez que somente em uma perspectiva mais ampla será possível emergir a ponta do *iceberg* dessa nova forma de entender o processo educativo, mais comprometido com as relações humanas e com os resultados de suas ações.

Realizar uma leitura crítica do projeto pedagógico em curso, avaliar os resultados alcançados, verificar se atendem às expectativas contemporâneas, bem como realizar pesquisas em escala local deve fazer parte do cotidiano dos profissionais em Educação (SANDES, 2013, p. 01). Caso contrário, estarão contribuindo apenas para reforçar o modelo econômico vigente, que utiliza métodos insustentáveis de apropriação dos recursos naturais e de manipulação das massas para atender às exigências do mercado capitalista, que cria uma geração de fantoches, cujo senso crítico é pouco desenvolvido.

DESENVOLVIMENTO

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

A sociedade contemporânea é caracterizada por complexidade, contradições, crises, incerteza e medo. É chamada de Modernidade Líquida (BAUMAN, 2007, p. 28), porque as relações parecem cada vez mais transitórias e parciais, onde a ausência de referências e a exigência em todos os sentidos são muito maiores que antes.

Para Corea e Lewkowicz (2004, p. 24), a lógica do mercado atual faz com que tudo possa ser transformado em mercadoria, inclusive a cultura e certamente também a educação. O modelo de desenvolvimento adotado, imposto pela lógica do capitalismo, é extremamente competitivo, excludente e insustentável do ponto de vista ambiental e social; por tanto, se faz necessário repensar nossa trajetória, limitações, potencialidades, colocando os interesses coletivos à frente dos particulares e resgatando o horizonte utópico, que é o que mobiliza a sociedade para uma mudança estrutural.

Não ha espaços para espectadores, é tempo de ser os protagonistas da mudança, mudança que se inicia com a reflexão do caminho que temos que construir, reflexão da imensa responsabilidade que esta em nossas mãos. Não se trata de idealizar situações e sim de concretizar ideais no dia a dia (GILDEMEISTER, 2005, p. 295).

Desse ponto de vista, pode-se dizer que estamos imersos em um período de transição, onde muitos pesquisadores têm questionado a contribuição da educação e suas respectivas disciplinas curriculares na formação de cidadãos capazes de pensar, entender, criticar, crer, transformar, sugerir, conviver bem com os outros e, sobretudo, comprometer-se na construção de um mundo melhor, mais democrático e justo.

As escolas têm muito a contribuir nesse sentido, já que podem ser percebidas como o berço dos profissionais que trabalharão nos diferentes segmentos amanhã e, se bem encaminhados, desenvolverão potencialidades, valores e virtudes indispensáveis para mudar seu destino e o da sociedade como um todo.

Assim, o maior desafio da sociedade contemporânea é transcender esta crise profunda e contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva. Consciência é algo endógeno, que nasce de dentro e se materializa na reformulação de nossa escala de valores e mudança de postura diante da realidade que, por sua vez, tem repercussão a médio e longo prazo, na própria cultura em que os sujeitos se encontram imersos.

Laraia, ao discutir como a cultura condiciona a visão de mundo do ser humano, faz uma citação de Ruth Benedict, quem sabiamente afirmou no livro “O crisântemo e a espada” que a cultura é como uma “lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diferentes e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (BENEDICT *apud* LARAIA, 1996, p.69).

Nesse contexto, as escolas devem oferecer as condições necessárias para a formação de seus jovens, que são o maior patrimônio de um país, e viabilizar uma integração entre eles, fazendo com que se sintam bem e em condições de conviver com os companheiros, os professores e com o espaço em que estudam, fazendo dele um lugar de afeto e laços inesquecíveis.

Tomando como referência o ônibus escolar, quantos vínculos são estabelecidos entre os estudantes, quanto aprendizado acontece em relação à vida nesse percurso da residência para a escola? Nessa perspectiva, pode ser considerado um espaço de grande relevância e que pode ser aproveitado para demonstrar a educação adquirida na escola e no seio da família; afinal, quando o estudante sai de sua residência, ele é um representante da sua família, quando sai de sua comunidade é o seu representante, assim como quando precisa sair do seu município, estado, país...

Assim, torna-se necessário repensar o valor do ser humano, das relações saudáveis entre

peessoas de diferentes culturas, o sentido da vida e o papel de cada um no contexto em que está inserido e no espaço que ocupa na sociedade. Dessa forma, ajuda no processo de desenvolvimento do senso crítico, de uma tomada de consciência coletiva e no compromisso ético, que deve ser o farol que orienta os sujeitos para tomar decisões mais acertadas.

Em muitas escolas, os estudantes não desenvolvem laços de afetividade e vão apenas para cumprir as exigências de seus pais que pensam somente em prepará-los para o mercado de trabalho no futuro. Os pais, sempre muito ocupados, não se envolvem diretamente com a educação de seus filhos, transferem toda a responsabilidade para a escola, participando pouco ou nada das rotinas e reuniões periódicas que acontecem.

Muitos educadores também não criam vínculos, porque tem que trabalhar em outros espaços e, quase sempre, vivem atarefados ou sobrecarregados de tanto trabalho, com pouco tempo disponível. Diante dessa situação, é necessário um esforço coletivo; o motorista, por exemplo, precisa desenvolver habilidades que transcendem a mera condução de passageiros, já que se trata de jovens em formação, que precisam ter disciplina, responsabilidade e compromisso com o bem público que utilizam diariamente.

Enfim, fazer do ônibus escolar um lugar de vínculos, de convivência social saudável e de cuidado é um grande desafio que deve ser encarado com a seriedade que merece. O cuidado somente surge quando a existência de alguém ou algo tem importância, uma vez que apenas dessa forma haverá dedicação, participação e envolvimento direto na vida da pessoa.

Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Boff (2002, p. 117) afirma acertadamente que a atitude de sentir com cuidado deve transformar-se em cultura, e isso demanda um processo pedagógico para além da escola formal, que atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e de conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive.

Para Boff (2002, p. 33), o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Nessa “co-existência e com-vivência”, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade (Boff, 2002, p. 92). Assim, vai se formando enquanto ser pensante e percebendo ser possível construir outra história.

O que seria um educador se não um crente, que rema forte na direção contrária da negligência, do descuido e do descaso.

O LUGAR DA ESCOLA E O ÔNIBUS ESCOLAR COMO SUA EXTENSÃO (SALA DE AULA ITINERANTE)

A escola é um dos espaços mais nobres que a humanidade conseguiu produzir em toda sua história, porque pode ser percebida como o “berço da sociedade”, onde o cidadão é despertado, adquire valores morais que servirão por toda a vida e desenvolve potencialidades (SANDES, 2012, p. 02). Nesses espaços, a pessoa se apropria e constrói conhecimento, começa a perceber que é no trabalho cotidiano que a história e o espaço geográfico são construídos, e que o destino do planeta depende das ações presentes.

No entanto, percebe-se que a educação pública atualmente enfrenta uma crise profunda, necessitando de um esforço coletivo dos educadores e da própria sociedade no sentido de buscar alternativas possíveis de ser aplicadas, para melhorar efetivamente sua qualidade, assim como cobrar do Poder Público mais compromisso com esse setor tão importante para o desenvolvimento humano.

Nesse contexto, cabe refletir sobre o lugar da escola no cenário atual, para despertar nos educandos o autoconhecimento e um compromisso político com o espaço que ocupam. Investigar questões sociais, culturais e econômicas em escala local, assim como conhecer a percepção que os

estudantes têm do espaço que ocupam e da sociedade em que vivem é um desafio que precisa ser assumido se quisermos dar sentido a escola no contexto atual.

Conhecer os estudantes ajuda a construir uma gestão fundamentada e contextualizada, única alternativa capaz de dar conta da complexidade que envolve a educação e fazer da escola um lugar de valor, que precisa ser cuidado. Para tanto, é necessário reconhecer que os tempos mudaram e a escola não pode permanecer a mesma. O contexto atual é, em muitos casos, de famílias confusas e desestruturadas, cabendo às escolas dar conta do lugar que elas deveriam assumir.

Nesse sentido, Narodowski (2005) escreveu que muitos estudantes já chegam nas escolas “hiperrealizados” e “desrealizados”, necessitando, por tanto, de uma dinâmica distinta das demais. Em suas palavras:

O polo da hiper-realização supõe crianças e adolescentes que já não são obedientes, dependentes e heterônomos, não porque se tenha convertido em adultos, mas porque tem um tipo de relação com o conhecimento, especialmente com esse conhecimento que nós hoje chamamos - novas tecnologias -, no que se constituem socialmente como operadores muito eficazes. São crianças que tem alta habilidade em sua relação ou inter-relação com o saber vinculado com o computador, com as redes de computação, com os celulares, com a televisão a cabo. Crianças com um alto grau de eficácia no que se refere a essa tecnologia e inclusive com uma eficácia maior que a que tem muitos adultos, entre os quais estão seus próprios educadores (NARODOWSKI, 2005, p. 239).

Realmente não se pode negar que as tecnologias fizeram grandes e profundas modificações no cotidiano das pessoas, inclusive das crianças, que desde cedo têm contato direto com esses instrumentos, cheios de possibilidades de comunicação e informação em tempo real. O autor retoma essa discussão adiante reforçando que “(...) não significa afirmar que estas crianças sejam eficazes na escola e sim que seu ambiente natural, onde se hiperrealizam como crianças, é na realidade virtual, seja nos videogames, seja na internet (...)” (NARODOWSKI, 2005, p. 241).

O outro grupo de crianças que o autor destaca são aqueles desrealizadas.

O outro polo é da infância desrealizada, que é conformado por aquelas crianças que conseguem sua autonomia mais não pela via de sua interação eficaz com as novas tecnologias, ou não somente, porque às vezes também acontece esse destino, e sim pela capacidade própria de operar sobre o mundo de contestado violento. Quem são? São os meninos e meninas de rua, os meninos e meninas que trabalham, que vendem drogas, os meninos e meninas da noite, do sexo, do abuso. Crianças que assassinam. Por que se constroem de um lugar de violência? Não porque sejam efetivamente fortes, todos sabem que são crianças muito vulneráveis socialmente, culturalmente, pessoalmente inclusive, que constroem uma força a partir da própria delimitação que faz a sociedade de eles. (...) igual o hiperrealizado: um sujeito que em um corpo infantil vive uma capacidade de operação social semelhante a de um adulto (NARODOWSKI, 2005, p. 241).

Nesse caso, os estudantes encontram-se em uma situação de vulnerabilidade e necessitam de um trabalho também diferenciado, por se tratar de pessoas com peculiaridades que não os enquadram nas escolas tradicionais, que tentam estandarizar e formar operários obedientes, limitados a trabalhar e consumir. Dessa forma surgem as perguntas centrais deste trabalho: qual é o lugar da escola nesse contexto? Qual é o papel do educador nesse cenário contemporâneo? O que explica a cultura da depredação do ônibus escolar do programa federal Caminho da Escola?

Para Gadotti,

O novo profissional da educação precisa se perguntar: por que aprender, para que, contra que, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do

educador não acaba ali: é preciso se pronunciar sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada (FREIRE *apud* GADOTTI, 2003, p. 53).

É importante ainda recordar que questões sociais, culturais e econômicas devem fazer parte dessa teia de investigações dos educadores, uma vez que é comum oferecer os piores serviços às comunidades carentes e desinformadas.

Portanto, a mudança de postura, comportamento e práticas, e a necessidade de rever conceitos e fazer a diferença fazem parte do processo de formação do cidadão crítico e consciente, na qual a escola tem, ou deve ter, grande responsabilidade.

Dessa forma, “a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente [...] a base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena” (SANTOS, 2001, p. 113-114).

Assim, a inserção de projetos nas escolas pode propiciar um momento privilegiado para debater questões de interesse dos envolvidos e que são distintas de outras realidades. Ao afirmar que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” Freire (2000, p. 59), demonstra a importância de acreditar na educação como instrumento de emancipação.

O transporte escolar, quando percebido como uma extensão da escola, passa a ser tratado como uma sala de aula itinerante, onde o estudante aplica os conhecimentos que adquiriu na escola e no contexto familiar do qual faz parte.

Ônibus depredados, sujos, riscados, quebrados são reflexo do nível de desenvolvimento moral em que se encontram aqueles que os utilizam. É importante se abordar esse tema de forma transversal e interdisciplinar, bem como fazer do ônibus escolar um espaço de cuidado. Para tanto, o motorista deve ter noção de sua responsabilidade e ser preparado para manter a ordem e o bom uso do veículo.

Obviamente, o motorista deve ter todo o apoio necessário para cumprir bem sua função, uma vez que ele é o “educador” durante aquele percurso e o adulto responsável temporariamente por aquele espaço, que também é educativo por natureza.

Os casos mais extremos de vandalismo devem ser encaminhados para os órgãos responsáveis, para que tomem as providências cabíveis, uma vez que a impunidade desencadeia sérios transtornos e consequências algumas vezes irreversíveis de má conduta. Compreender a lei de “causa e efeito” torna os estudantes mais maduros e responsáveis pelos seus atos, porque começam a entender que toda ação tem consequências.

A ternura é um ingrediente indispensável à educação. A esse respeito, Boff (2002, p. 118) defende que a ternura vital é sinônima de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais; a ternura é o cuidado sem obsessão, que inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a auto-realização da pessoa.

A ternura pode e deve conviver com o extremo empenho por uma causa, como foi exemplarmente demonstrado pelo revolucionário absoluto Che Guevara (1928-1968). Dele guardamos a sentença inspiradora: *Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás.*

Na concepção de Freire, cada vez mais se deve sentir a necessidade de uma “[...] educação que não descuide da vocação ontológica do homem, a de ser sujeito e, por outro, de não descuidar das condições peculiares de nossa sociedade em transição, intensamente mutável e contraditória” (FREIRE, 1979, p. 66).

Agora, mais do que nunca, exige uma nova redefinição do que se quer para o futuro, que herança queremos deixar para as próximas gerações, em quais referenciais devemos nos inspirar e qual a nossa missão no mundo.

SITUAÇÃO DO ÔNIBUS ESCOLAR (ESPECIFICAMENTE AQUELES DO PROGRAMA Caminho da Escola) NO MUNICÍPIO DE LAJE

Município de Laje - Bahia

Laje é um pequeno município localizado no Vale do Jiquiriçá, Recôncavo Sul da Bahia, na latitude 13°10'58.5" sul e longitude 39°25'32.61" oeste, estando a uma altitude de 190 metros.



Fonte: SEI. Adaptado por André B. Sandes e Angélica Manina

Encontra-se na Mesorregião Centro-Sul, fazendo fronteira com os municípios de Mutuípe, Ubaíra, Santo Antônio de Jesus, Aratuípe, Amargosa, Valença, Jiquiriçá e São Miguel das Mataas. Distante 13 km da BR 101, 50 km da cidade de Santo Antônio de Jesus e aproximadamente 230 Km ou 135 (via *ferry boat*) de Salvador, capital do estado da Bahia.

Tem população aproximada de 25.000 habitantes, majoritariamente situada na grande zona rural do município. O IDH médio é de 0,586 e sua economia é basicamente agrícola, com produção expressiva de produtos derivados da mandioca. Sua pecuária é diversificada, predominando criações de bovinos. Por se encontrar em um vale, cujo rio principal é o Jiquiriçá, seu sítio urbano apresenta-se bastante desnivelado, com ladeiras de grande declividade e ruas apertadas.

Em relação à educação, o município em questão possui 36 escolas (incluindo as creches), sendo duas de Ensino Médio e cinco que atendem o Fundamental II. Estão matriculados aproximadamente 5500 estudantes e estão disponíveis 102 veículos sendo que, desse total, são 18 ônibus do programa Caminho da Escola.

Programa Caminho da Escola

Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o programa Caminho da Escola, instituído pela Resolução nº 03, de 28 de março de 2007, foi criado com o objetivo de renovar a frota de veículos escolares, garantir segurança e qualidade ao transporte dos estudantes e contribuir para a redução da evasão escolar, ampliando, por meio do transporte diário, o acesso e a permanência

na escola dos estudantes matriculados na educação básica da zona rural das redes estaduais e municipais.

De acordo com o FNDE (2013, p. 98), o Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE) foi instituído pela Lei nº 10.880/2004, e tem por finalidade garantir a oferta de transporte escolar aos alunos matriculados na educação básica pública, de modo a garantir-lhes o acesso e a permanência na escola.

Pinheiro (2013) afirma acertadamente em sua dissertação de mestrado que:

Não mais importante que outras obrigações estatais, o transporte escolar tem função vital para o acesso e permanência dos alunos nas escolas, tendo como prioridade transportar os alunos oriundos da área rural para as escolas que oferecem a sua modalidade de ensino, evitando a evasão escolar e o êxodo rural por motivos de deslocamento (PINHEIRO, 2013, p. 17).

Dessa forma, o transporte escolar pode ser considerado um serviço de utilidade pública e o poder público deve oferecê-lo gratuitamente para crianças e adolescentes que não tenham escola próxima de suas residências. Para Alencar (2006, p. 01), os programas do MEC oferecem subsídios aos municípios para que adquiram veículos adequados ao transporte escolar rural, evitando o deslocamento de estudantes em veículos impróprios e sem segurança. Esse ônibus,

São equipados com tacógrafo eletrônico e GPS, para garantir maior segurança aos estudantes, permitir o controle do trajeto, dos tempos de percurso e de paradas e diminuir o consumo de combustível. O corredor central é mais estreito, para aumentara quantidade e o conforto dos assentos e evitar que os alunos fiquem em pé. Os veículos têm vidros temperados verdes, para-barro na frente e atrás e dispositivo passa-balsa, que assegura maior trafegabilidade em estradas sinuosas (FNDE, 2013, p. 99).

Nesse sentido, o programa visa a padronização, redução dos preços dos veículos e transparência no processo de aquisições. Assim, o Governo Federal, por meio do FNDE e em parceria com o Inmetro, oferece um veículo com especificações exclusivas, próprias para o transporte de estudantes, e adequado às condições de trafegabilidade das vias das zonas rural e urbana brasileira.

Situação do Transporte Escolar em Laje

Os dezoito ônibus do programa Caminho da Escola disponíveis no município foram adquiridos entre os anos de 2009 e 2013. Segundo o responsável pelos transportes, estão todos necessitando de reformas exceto um, que é o único adaptado para atender os estudantes que possuem necessidades especiais.

Esses ônibus foram adquiridos por um valor superior a R\$ 3.600.000,00 e, de acordo com os responsáveis pelo setor, os jovens e adolescentes estão depredando os transportes, destruindo os bancos, riscando as poltronas e danificando os veículos.

O resultado desse descaso foi um prejuízo de aproximadamente R\$ 25.000,00, no ano e 2017 para consertar os ônibus danificados, principalmente os bancos (250 bancos precisaram ser restaurados em 2017) que foram rasgados pelos usuários de algumas localidades do município em questão. Isso sem contar com a destruição de alguns vidros estragados que foram substituídos pela seguradora.

Esses números somados à manutenção R\$ 89.000,00, pneus R\$ 90.000,00, o seguro dos veículos, entre outras despesas, demonstram o alto custo de manutenção da frota que deveria ser mais valorizada pelos estudantes. Apesar da manutenção realizada em 2017, em setembro de 2018 já existiam mais de cem bancos necessitando de reparos, segundo os responsáveis pelo transporte escolar do município (Figuras 1, 2, 3 e 4).

Figuras 1, 2, 3, 4. Situação dos ônibus escolares em Laje / 2018



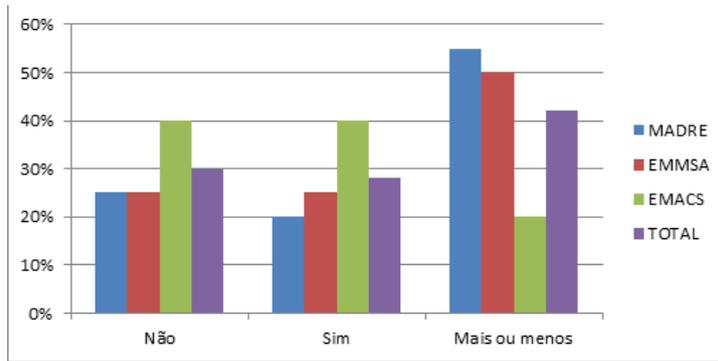
Fuente: Trabalho de campo. SANDES, André B. e SOUSA, Helenildo 2018.

Diante desses dados, nos questionamos como um investimento tão alto, destinado a melhorar as condições de deslocamento desses estudantes pode ser tão desvalorizado? Por que alguns estudantes cometem atos de vandalismo e destroem o bem público que foi adquirido para o seu próprio bem estar? O que fazer diante dessa realidade que se tornou um problema para o município?

Diante desses desafios, foram aplicados 60 questionários (20 questionários por escola) em três escolas de Ensino Fundamental II do município em questão: Escola Municipal Madre Maria do Rosário de Almeida (MADRE - Escola do campo), Escola Municipal Antônio Carlos Solto (EMACS - zona Urbana) e Escola Municipal Marilda Sampaio de Almeida (EMMSA - Estadual - Urbana).

Quando questionados em relação a se sentir bem e seguro quando pega o ônibus escolar, o resultado da pesquisa pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1. Respostas dos alunos a pergunta “Se sente bem e seguro quando pega o ônibus escolar?”

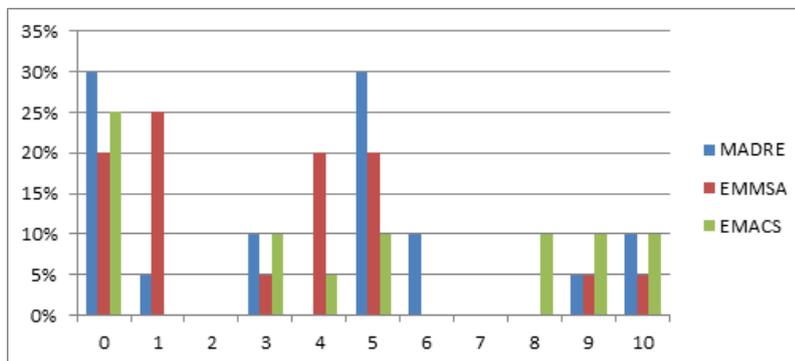


Fonte: Trabalho de campo. SANDES, André B. e SOUSA, Helenildo 2018.

Esses resultados indicam que são poucos aqueles que se sentem bem e seguros no ônibus escolar. A escola que obteve melhor resultado nesse quesito foi a EMACS. Em relação à justificativa das respostas dadas, alguns alunos mencionaram que “não vão sentados”, outros porque o transporte “está todo quebrado” e “porque alguns alunos não se comportam como deveriam”; no EMMSA justificaram também que “o ônibus vai cheio”, por causa da “falta de educação de alguns alunos”, “porque tem muita bagunça”; no EMACS os motivos foram principalmente porque “o ônibus vai muito cheio”.

Quando questionados que nota de 0 a 10 dariam ao transporte escolar, o resultado foi:

Gráfico 2. Respostas a pergunta “Que nota de 0 a 10 você daria ao transporte escolar?”

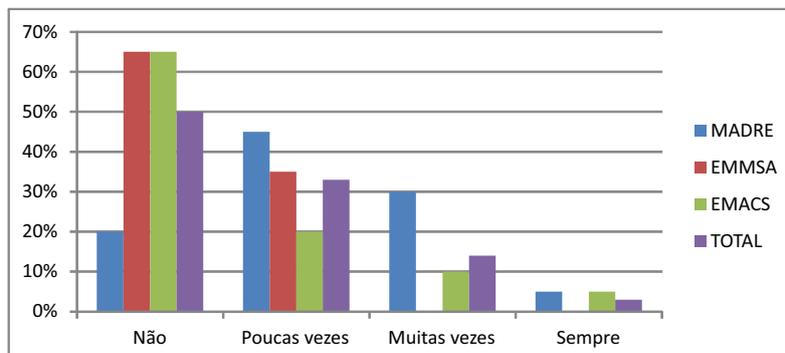


Fonte: Trabalho de campo. SANDES, André B. e SOUSA, Helenildo 2018.

Os estudantes que demonstraram maior satisfação foram os do EMACS.

Quando questionados se os professores, diretores ou coordenadores de sua escola já falaram sobre a importância de se cuidar do ônibus escolar, assinalaram:

Gráfico 3. Respostas a pergunta “Os professores, diretores ou coordenadores de sua escola já falaram sobre a importância de se cuidar do ônibus escolar?”

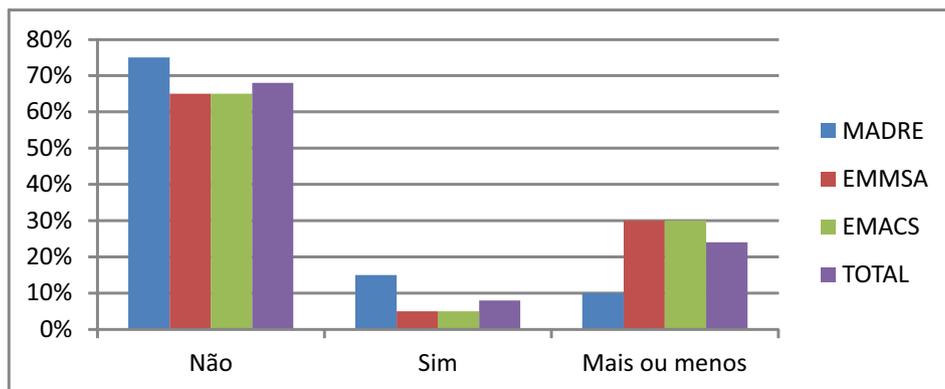


Fonte: Trabalho de campo. SANDES, André B. e SOUSA, Helenildo 2018.

Os resultados demonstraram que se trabalha pouco essa questão nas escolas e a situação é mais crítica no EMMSA e no EMACS.

Quando questionados se o ônibus escolar é bem cuidado, os resultados foram:

Gráfico 4. Resposta a pergunta “Você considera o ônibus escolar bem cuidado?”



Fonte: Trabalho de campo. SANDES, André B. e SOUSA, Helenildo 2018.

Esses dados demonstram que os estudantes tem consciência de que as pessoas deveriam ter mais cuidado com os ônibus escolares. Quase todos os questionados registraram que a culpa é dos próprios alunos que rasgam os bancos, riscam e destroem os veículos. Quase todos destacaram também que já presenciaram algum estudante quebrando, riscando ou danificando o ônibus. No MADRE, afirmaram que é “porque não tem consciência”, “porque o motorista não coloca ordem”, “porque os alunos não tem cuidado”, “porque quer se aparecer”; no EMMSA destacaram “porque não tem o que fazer”, “porque acham isso engraçado”, “porque não tem educação”, “porque o motorista não reclama”; no EMACS as respostas foram: “não sabem valorizar o que tem”, “porque são mal educados”, “porque não tem responsabilidade”, “porque querem se divertir”.

Em todas as escolas investigadas os motoristas foram bem avaliados. No entanto, quando questionados sobre o que poderia ser feito para que o ônibus fosse melhor preservado, responderam: no MADRE, “trocar os ônibus”, “reforma completa”, “punir os vândalos”, “fiscalização”, “não deixar entrar os alunos que bagunçam”; no EMMSA destacaram “ter um monitor para observar os alunos”, “deixar os alunos bagunceiros irem caminhando para casa”, “câmeras de segurança”; no EMACS as respostas foram “colocar câmeras de segurança” e “punir aqueles que danificam”.

O espaço do verso da folha destinado a expressar suas ideias em relação a outros aspectos que consideram relevantes e que não foram questionados, os poucos estudantes que escreveram reforçaram a necessidade de fiscalização e cobrar dos estudantes que destroem para que possam pagar por seu erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

A escola não é apenas o espaço construído, mas é o espaço do cidadão, dos muitos cidadãos que trazem consigo um pouco de outros espaços, de outras pessoas, de outras realidades; enfim, a escola é um lugar dinâmico, enraizado no ambiente construído, que influencia e é influenciado por ele.

Dessa forma, os aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais não podem ser desconsiderados, quando se pretende avaliar os espaços educativos formais, entre eles o transporte escolar público, que pode ser considerado uma sala de aula itinerante.

Conhecer os estudantes e promover sua participação ativa através de uma relação simétrica entre os envolvidos no processo pedagógico é, sem duvida, um passo importante para compreender seus

comportamentos e tentar melhorar a qualidade da educação oferecida na escola e em outros contextos sociais.

Promover debates periódicos e perenes com estudantes é de fundamental importância para sensibilizar aqueles que utilizam o transporte coletivo. É importante ressaltar também a necessidade de responsabilizar aqueles que cometem atos de vandalismo, para que possam aprender com seus erros, aproveitando assim a oportunidade de educá-los e ajudá-los a conhecer seus deveres, que por sua vez são fundamentais para consolidar a democracia, e não se resumem apenas à garantia de direitos.

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar essa temática e sim problematizar o assunto para possíveis debates. O diálogo é sempre uma alternativa para se chegar ao fim desejado; afinal, esses jovens estão em processo de formação intelectual e moral e a orientação de um adulto responsável ajuda no processo de tomada de consciência coletiva, no desenvolvimento do senso crítico e da responsabilidade que o mundo adulto exige.

Diante desses desafios, cabe a nós, educadores e cidadãos do mundo, repensar nossa escala de valores, convidar os educandos a se envolverem nesse processo de mudança de paradigma e, juntos, buscarmos alternativas para construir uma sociedade mais igualitária, plena e justa.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José Hercy Pontes. **Transporte Escolar: via legal para uma educação de qualidade**. Ceará, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Los retos de la educación en La Modernidad Líquida**. Barcelona: Gedisa, 2007.
- BENEDICT *apud* LARAIA, Roque B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COREA, Cristina y LEWKOWICZ, Ignacio. **Pedagogía del aburrido. Escuelas destituidas, familias perplejas**. Bs. As. Paidós, 2004.
- FNDE. **Caderno de estudo do curso Competências Básicas**. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. 4 ed., atual. Brasília: FNDE, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GILDEMEISTER, Eduardo. “**La educación como reconciliación para los nuevos tiempos**” en: DUQUE, Antonio Arellano. *La educación en tiempos débiles e inciertos*. 1º ed. España: Anthropos, 2005.
- NARODOWSKI, Mariano. “**Destino de la infancia y de los educadores: Hiper y Desrealización**” en: DUQUE, Antonio Arellano. *La educación en tiempos débiles e inciertos*. 1º ed. España: Anthropos, 2005.
- PINHEIRO, Theo Goulart B. S. **Diagnóstico do transporte escolar rural público no município de Cachoeiro de Itapemirim – ES**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública da Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas - Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública. Vitória: UFES, 2013.
- SANDES, André B. **Geografia e Educação: Contribuições da Geografia para Gestão Educacional**. Anais do I Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo: Rio Grande do Sul, 2012.
- SANDES, André B. **Ecopedagogia como proposta de Educação Ambiental formal para as séries iniciais do Ensino Fundamental I**. Anais do II Encontro Sergipano de Educação Ambiental. Sergipe: UFS, 2013.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.